Anno 57.º — Aveiro, 27 de novembro de 1908 — Numero 5:811

O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

A El-Rey o Senhor D. Manoel II

A tempestade que açoutou as suas derradeiras horas de infancia, porque a infancia de El-Rey terminou n'aquella hora amarga em que o infortunio lhe fez alvorecer os dias de reinado, calou no animo generoso da nação, que ergueu altares á sua dôr e levantou, nos escudos da sua tradiccional magnanimidade, a corôa que hoje aureola a sua fronte pallida e serena.

Uma esperança, uma promessa, uma garantia de paz por amor da Liberdade e da Lei, transparece, na sua doce e melancolica physionomia, aos olhos da população portugueza.

E essa população, carinhosa e boa, sagrou no moço Principe, sobrevivente d'aquella grande catastrophe, o novo Rey.

Fêl-o n'um compassivo impulso de dôr pela desgraça e de amor pela instituição nacional que a Monarchia symbolisa.

De como se não enganou, de como a não illudiu falaz confiança, dil-o-ha o futuro, que começa a desenhar-se n'um largo horisonte azul pelo que El-Rey jurou cumprir, com um alto relevo para o prestigio do throno e do seu nome: solidificar no reconhecimento da soberania popular o edificio da Monarchia constitucional.

Aveiro, 27—11—908.

F. de Vilhena

Formado na nossa consciencia por um longo processo de evolução, o direito impõe-se egualmente aos que governam e aos governados.

Nas luctas sociaes, quem vence? Não é preciso sahir do dominio da historia para vêr como as raças menos aptas vão dando lugar ás mais aptas, como aquellas morrem e estas sobrevivem e triumpham.

N'este sentido podemos proclamar que na propria terra, todos os erros, todos os crimes, teem sido punidos, e que os *máus* são vencidos pelos *bons*.

Compare-se a raça que produziu Gladstone, e a que produziu Bismark.

Ambas são grandes, mas qual é mais nobre, qual é mais forte? Por outras palavras, o que vale mais nas modernas sociedades — a liberdade, ou a força?

A actividade, e iniciativa individual, factores essenciaes do progresso, carecem de uma atmosphera de liberdade, garantida por leis, que sejam cumpridas, e não mudem a arbitrio dos governos.

O regimen de *arbitrio*, em opposição ao regimen de *direito*, tem sido um dos nossos maiores males.

Os outros, que soffremos, muito mais graves apparentemente, são talvez a consequencia d'este.

Bem vindo seja pois o Rei que promette e jura guardar as leis.—Será a renascença.

Costa de Vallado—27 de Novembro de 1908.

Antonio Emilio d'Almeida Azevedo

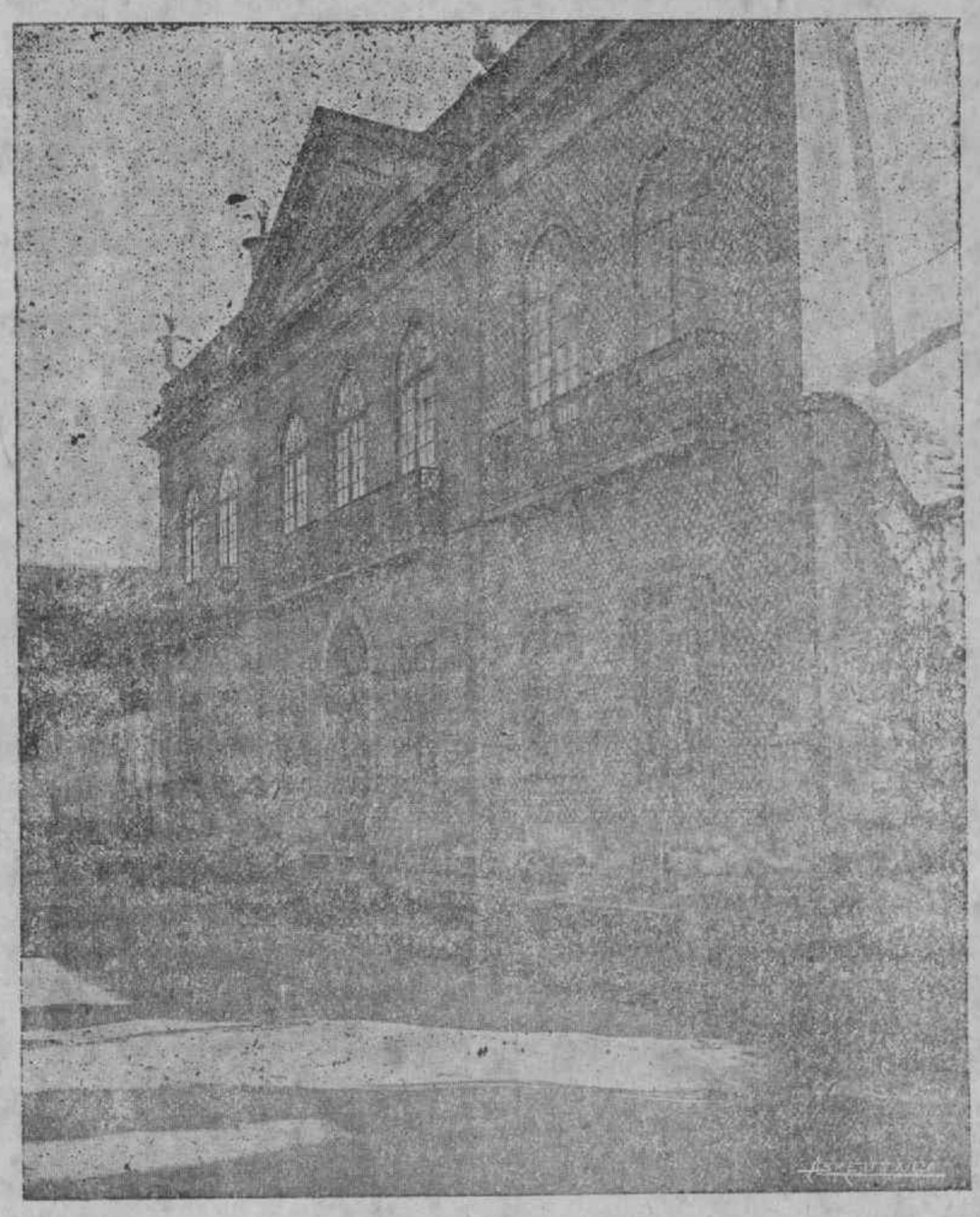
A VISITA DO REI

A visita do monarcha a Aveiro pertence ao plano geral da sua excursão ao norte de Portugal.

O soberano não vem, sacerdotalmente, colher o folar da crença monarquica, devotamente offerecido pelos fieis; nem tão pouco, por diletantismo de excursionista, coleccionar apontamentos de topico sensorio ou meramente artistico.

A sua vinda a Aveiro equivale á visita a um parente desconhecido, para lhe avaliar as qualidades individuaes e o valor social.

Aqui, em contacto com pessoas de todas as posições, mas que todas vivem directamente do trabalho, aqui o monarcha se encontrará na intimidade do povo, embora em pé de festa, do povo que El-rei tantos desejos mostra e tanta necessidade tem de conhecer. Aqui se acharà entre o povo, porque aqui não ha classes elevadas, nem independentes do labor diario.



Palacete do Carmo

E aqui, em presença da vasta e multipla riqueza das aguas, — riqueza susceptivel de consideravel augmento, mas ameaçada de progressiva e culposa diminuição pela abandonada desordem do regimen d'ellas —, muito pode observar e muitos beneficios promover.

Por habito de sensibilidade, o infante que pretendia ser marinheiro, agora Rei, contemplará, com olhos de amor, esta interessante região maritima, engrandecida por consideraveis valores economicos, mas com as immensas dunas nuas, sujeitas á tempestuosa violação dos ventos, com a barra quasi trancada, e sem commodo ancoradouro.

Este trecho do paiz fixar-se-ha, sem duvida, na lembrança do Rei, pela singularidade, extensão e lindesa.

Da privilegiada memoria brigantina ninguem duvída.

Da impressionabilidade do Senhor Dom Manuel II posso dar testemunho.

Em 1900, assisti a seu lado, em Ovar, ao eclipse solar. Chegára o magestoso e algido momento da plenitude. A natureza e a humanidade sentiam o arrepio da superioridade; e o então Infante-real, creança de pouco mais de 10 annos, com a alma lucilante de flogisticas vibrações, exclamou para o seu desvelado preceptor austriaco:

— Que belleza! Que belleza!

Essa impressionabilidade, sublimada pela culta adolescencia, deve dar-lhe firmes notas d'esta região, e que mais tarde se revelarão proficuas. Nem outra cousa é licito esperar do joven monarcha, que não se cança de affirmar o seu amor ao paiz e o seu desejo de lhe fomentar o desenvolvimento.

A visita de El-rei a Aveiro desperta-me a lembrança de um gracejo com que nos enlaçou seu malogrado irmão.

Perguntou-me um dia o Principe-real na presença do Senhor Dom Manuel, d'onde era eu. De Aveiro, respondi. Acrescentou, que me julgava de Lisboa, por ver-me por lá muito. Confessei ser de Lisboa, nascido n'uma casa do Rocio, e portanto extreme *alfacinha*.—*Alfacinha!* Então é patricio do mano.—Declarou sorridente o principe.—Eu nasci em Belem, ainda quando as barreiras ficavam por Alcantara; o mano depois da mudança d'ellas. Eu não sou *alfacinha*. Sou *saloio*.—

Oxalá que o real *alfacinha* seja tão feliz, como desditoso foi o bondoso *saloio!*

Oxalá!

Para bem seu e de Portugal!

Barão de Cadoro

A Sua Magestade El-rei o senhor D. Manuel II

Senhor! Bemvindo seja Vossa Magestade a esta terra, aonde se acolheu das procellas do mundo, para viver vida serena, a excelsa filha de D. Affonso V.

Bemvindo sejaes, Senhor.

Aveiro inscreverá a data da vossa visita em caracteres indeleveis; e das festas com que jubilosamente celebra este faustuoso acontecimento, guardará por muitos annos viva memoria.

D'antes, Senhor, os reis assignalavam-se nos campos de batalha, em pugnas cruentas, vendo cahir aos milhares, entre gritos de enthusiasmo e imprecações angustiosas, companheiros e inimigos.

Era um espectaculo horroroso, horroroso! A humanidade inteira, depois de ter feito d'essas hediondas hecatombes a sua principal gloria, parece têl-as posto de parte para sempre.

Assim scja...

Pois anda uma creança longos mezes em gestação no ventre de sua mãe; vive á custa d'ella, inflingindo-lhe os mais arduos sacrificios; surge á luz, pondo em risco a existencia materna, entre os mais doridos soffrimentos; sustenta-se depois com innumeros trabalhos, asperrimos sacrificios, vigilias, cuidados, solicitudes sem conta...

Primeiro que a creança chegue a homem, que somma de dedicações é preciso amontoar!

Tudo quanto os homens inventam e realisam, de mais assombroso, de mais sublime, nada se póde comparar com o trabalho de gerar, produzir, formar até á puberdade uma creatura humana.

E ha-de, depois, ir alguem arriscal-a, indifferentemente, aos acasos da guerra, expôl-a á boca d'um obuz, inventar armas damnadas que dêem a morte, aos milhares, com rapidez e perfeição!..

Que desaire para o progresso! Que vergonha para a civilisação!

Por isso, hoje os homens preoccupam-se mais em evitar a guerra, e promover a paz.

E ainda bem!

Viveis, Senhor, n'este seculo de luz. O Vosso coração e a Vossa alma formam-se ao calor das virtudes maternaes e dos deveres civicos.

N'esse tirocinio, por indole e por educação, Vós, Senhor, sereis do vosso tempo, professando o amor da paz e da prosperidade do vosso povo.

Este povo sabe que a monarchia tem acompanhado sempre a nação desde o berço até esta edade, até esta altura do seculo que tanto pode ser a mocidade como a velhice honrada d'um povo, susceptivel sempre de se renovar e converter de novo em juventude esperançosa e fecunda.

A monarchia tem sido a nossa bandeira secular. Com ella temos atravessado todas as phases da vida — com ella marcharemos em demanda do futuro.

Eu Vos saudo, pois, Senhor, como legitimo representante da monarchia, e penhor seguro da independencia nacional.

Acceitae, Senhor, esta saudação sincera e intima d'um portuguez leal que ama egualmente a sua Patria e o seu Rei e entende que o Rei personifica a Patria e a sua independencia.

Aveiro, 27—11—908.

D. V.

Meu caro Firmino de Vilhena

Pede-me meia dusia de linhas de saudação a Sua Magestade o sr. D. Manoel II para um numero especial do *Campeão*, commemorativo da visita do moço Rei de Portugal á clara cidade, toda azul e branca, que é a nossa luminosa e linda Aveiro.

Doente, é da cama, e ainda sob o arrepio vivo da febre, que, com consolada alegria, accédo ao seu captivante convite. Mas que dizer em tão breves linhas? Que ardorosas saudações enviar? Que sagrados votos exprimir? Apenas, seja-me permittido formular o sentido e caloroso desejo de que a devoção patriotica do moço Rei, sobre cuja bella fronte de adolescente, exclusivamante votado ás coisas da Patria, parecem gravados em caracteres mysteriosos signaes d'um grande porvir, seja o forte magnetismo que attrahe todas as almas incendiadas na viva fé de um futuro glorioso para a terra de Portugal e que repila todos os egoismos que, na mentira das convenções e das formulas, só buscam, sob a falsa mascara da salvação da patria, salvar os seus inconfessaveis e vis interesses.

E, se durante o reinado do Rei-gentil, annunciador de Esperança, o bem da grey, o interesse collectivo e nacional, que cada dia parece diminuir deante das baixas paixões, dos ferozes egoismos e das commodidades de cada um, se impuzer egualmente a todos: se os homens, principalmente aquelles que forem senhores dos sellos do Estado, se souberem vencer a si proprios, antepondo o bem da patria commum a um individualismo vergonhoso e a um sectarismo mesquinho, serão por decerto de gloria astral os dias que ahi veem.

E esse deve ser, esse é, o voto de milhares e milhares de almas bem portuguezas, anciosas por sahir d'esta asphixiante anarchia civica e mental em que Portugal se debate, jungido aos perfidos interesses do materialismo ignobil e do utilitarismo sceptico d'um pessoal dirigente corrupto até á medula, moralmente ordinario e intellectualmente réles.

Valle Maior
22—XI—908

Domingos Guimarães

FLORES DO OUTOMNO

Aveiro não tem simplesmente as tradicções das suas marinhas e das suas paisagens. D'esta terra sahiram os primeiros gritos de liberdade n'essa alvorada esplendida das luctas constitucionaes

A nossa historia local póde, por vezes, mostrar esmorecimentos e fraquezas, mas mostra tambem, através de todos os tempos, paginas bem nitidas da nossa valentia e da nossa heroicidade.

El-Rei D. Manuel conhece Aveiro pelos encantos da sua natureza fertil. Já aqui sorriram os seus olhos, mas—dolorosa recordação! —esses sorrisos, hoje talvez avivados no esplendor de uma situação delicada, serão espinhos de uma saudade bem profunda e duradoura.

O novo Rei não vem hoje a Aveiro para cantar mocidades á sombra das nossas arvores ou sobre o espelho da nossa ria. Já não vem pelo braço de seu irmão querido, esse irmão desgraçado, em pleno triumpho de felicidade infantil.

Acabaram para elle as primaveras em que se canta e sorri n'uma vida descuidada, cheia de amor e de esperanças.

Não quereriamos que El-Rei D. Manuel soffresse com esta recordação tristissima, inicio tragico do seu reinado, mas nós tambem soffremos, tambem é grande a nossa dôr, porque sabemos sentir e todos temos coração. Póde, pois, Sua Magestade lêr estas linhas, póde deixar cahir dos olhos uma lagrima, porque todos a comprehendemos. Essa lagrima não é sómente a lagrima restricta de um bom filho e d'um irmão querido perante o tumulo infamemente aberto; é a lagrima d'um povo, é o sentimento que a todos nos domina.

El-Rei D. Manoel vem hoje a esta terra investido na sua alta posição de soberano, e, por isso, olhará mais para as nossas tradicções, para os costumes e para as necessidades do nosso povo do que propriamente para as nossas paisagens, aliás cheias de luz e de encantos. As tradicções da cidade de Aveiro, liberaes e monarchicas, hão de mostrar a El-Rei que o regimen que dignamente representa é um regimen que não só se respeitou aqui sempre, mas, mais do que isso, um regimen pelo qual se sacrificaram muitos dos nossos antepassados.

José Estevão, Mendes Leite, Moraes Sarmento, Francisco Lourenço d'Almeida, Joaquim José de Queiroz, toda essa ala epica de namorados pela liberdade, inscreveram as mais bellas paginas no livro de oiro da nossa historia.

Em uma das nossas praças falla o bronze de uma estatua. Dir-se-hia que d'aquella massa inerte irradia ainda aquella luz intensa que illuminou os campos da batalha e as luctas agitadas do parlamento.

Seja bemvindo, pois, á nossa terra, o bom Rei de Portugal. De um recanto da minha aldeia, onde ha trabalhos e flores, onde aprendi a ser monarchico desde os dias saudosos de uma mocidade que se affasta, d'aqui, d'este retiro sereno, onde cantam aves e a planicie se veste de verdura, eu colho as primeiras violetas e offereço-as orvalhadas ainda d'esse orvalho que todas as manhãs pisamos, nós, os lavradores, os trabalhadores da aldeia, os que só sabemos respeitar as tradicções liberaes da nossa terra e cantar um hymno de amor áquelle que, vindo de uma desgraça immensa, symbolisa hoje as glorias da nacionalidade portugueza.

Verdemilho, 27—11—908.

Accacio Roza

EL-REI D. MANOEL 2.º

E' hoje dia de festa em Aveiro. Toda a cidade se movimenta, vestindo galas e cantando hymnos, presa da enthusiastica curiosidade de vêr o seu Rei, coroado d'ha pouco, e não conseguindo ainda occultar, por detraz da corôa real, de rubis e oiro, essa outra corôa, de dôr e martyrio, não tão pesada de responsabilidades, mas superiormente merecedora do nosso respeito e bem caracteristicamente significativa da egualdade da condição humana, quer sejam reis quer sejam proletarios aquelles a quem fere o mesmo Destino tragico.

E' facil, no recolhimento intimo do nosso espirito, reconstituir por momentos essa dolorosa transição, do moço descuidado e feliz que era o infante D. Manoel, para o actual Rei, ainda revestido de toda a ternura simples e commovedora da mocidade, mas já cercado d'aulicos e thuribularios, escravo da pragmatica, sem liberdade nem voluntariedade, tropeçando na Rasão de Estado que a cada passo lhe suffoca todas as expansões uvenis da sua alma generosa e boa.

Sem duvida que á ardente imaginação dos seus 19 annos não deixará de fallar o brilho e a pompa das solemnidades regias, o fausto da Corte, as acclamações do povo e as estridulosas vibrações dos hymnos, as palavras aduladoras e formalistas dos cortezãos, as sêdas e os arminhos, as fardas e as insignias, todo esse scenario d'oiro e opulencia, que seduz e enerva, embaciando o olhar dos mais serenos e reflexivos.

Mas, no seu coração magnanimo, educado para o amor, para a tolerancia e para o bem, pela dedicação d'Alguem que lhe ficou no mundo para velar attentamente pelos seus passos e acariciar-lhe a fronte, pallida e dorida,com toda a grandesa do amor de Mãe, como outro não ha egual, facilmente se descobrirá essa ancia de liberdade que embala os sonhos da mocidade radiosa e que um Rei tem d'adaptar ao gelado rigorismo das formulas.

Como é bello o sol, cá fóra, ao ar livre, sorvido a largos haustos, na doce paz do espirito, na serena approvação da consciencia e em plena expansão de todas as faculdades humanas!

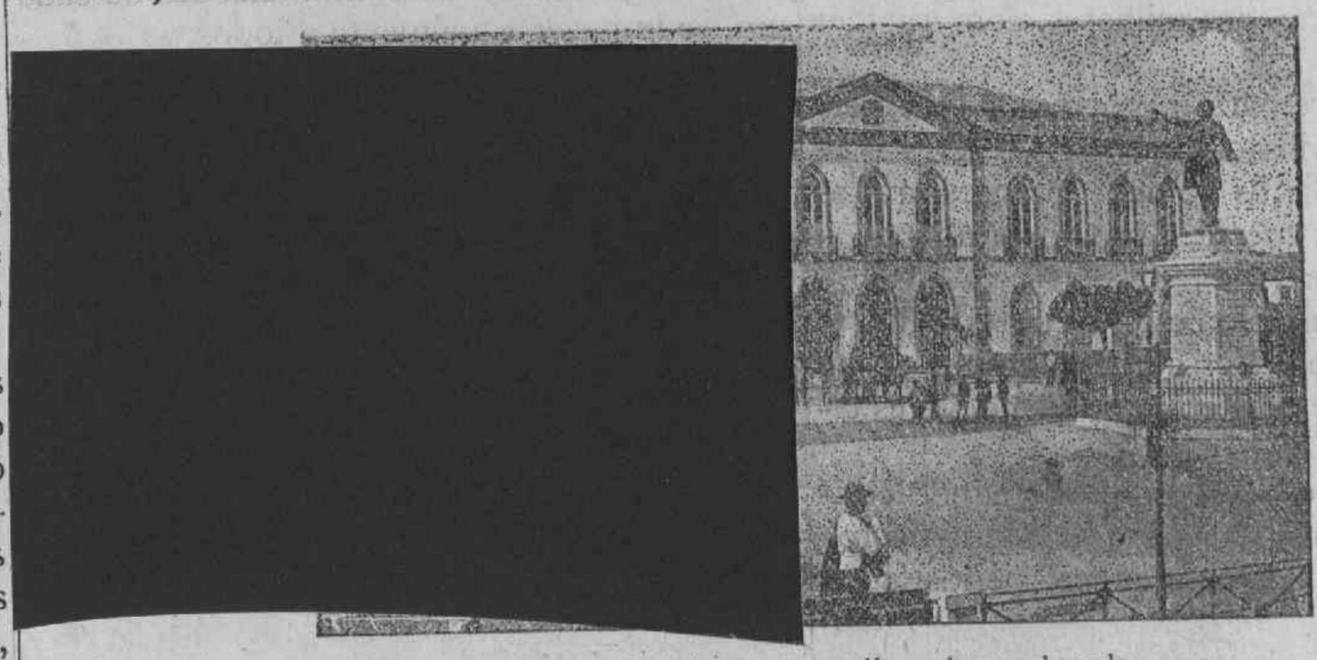
Foi n'uma simples tarde de fevereiro, tarde jámais esquecida, parenthesis de sangue e de crime na historia oito vezes secular da monarchia que, ao gesto allucinatorio de dois suicidas, D Manoel se viu, como por encanto, subindo os degraus do throno e assim investido de repente nas altas responsabilidades de Chefe de Estado.

Pela constituição politica do paiz o sr. D. Manoel tinha já attingido a maioridade e assim, por direito de representação, era chamado á corôa na falta do filho varão mais velho.

Perante o direito constitucional a personalidade do Chefe do Estado apaga-se e só os ministros são responsaveis pela marcha da governação publica, razão essa porque a lei politica defere a maioridade aos chefes do Estado antes que a lei geral reconheça ao cidadão o goso pleno da sua capacidade civil.

E' a formula—*o rei reina mas não governa*—que os tratadistas acceitam como a genuina expressão das funcções constitucionaes do Monarcha, em contra posição ao velho *mando de sciencia certa e poder absoluto* do asphixiante regimen antigo.

Muitas vezes a formula não passa d'uma mentira como aquellas mentiras convencionaes de que nos falla com criteriosa e amarga observação o frio espirito de Máx Nordau, mas então, quando se dá o affastamento da linha de justa ponderação e equilibrio que a lei designa ao quarto poder do Estado, regista já a historia moderna a quanto póde levar a sublevação da consciencia collectiva na precisa e concreta affirmação da soberania nacional.



Lyceu Nacional onde se realisa o lantar de gala

Ainda agora, na sceptica Allemanha,pouco dada a indisciplinas e a exaggeros, exhuberancias proprias das raças meridionaes, se faz sentir a verdade d'esse principio, lemma que deve nortear o espirito de todos os chefes de Estado modernos, antepondo á soberania real, que um passado autocratico quer manter a dentro dos velhos moldes, a soberania nacional, representada de direito pelo parlamento e de facto por todas as manifestações intensivas do valor e da actividade da nação.

N'esse conflicto, que é uma lição e um ensinamento preciosos, entre a vontade nacional e o mandato imperativo de Guilherme 2.º, foi aquella que venceu, immobilisando n'um momento o usual gesto do imperador, archaico pela natureza divina de que ostensivamente se fazia revestir, retumbante e ameaçador, altivo e heroico, como convinha á personificação que imaginava representar hoje do verdadeiro Cesar dos tempos modernos.

«Em face dos direitos do Monarcha, assistem lhe deveres, cuja violação pode aluir os proprios alicerces da Monarchia» — dizia a *Gazeta de Woss*.

Assim é, na verdade. Nem só direitos tem o Rei e não se julgue que a irresponsabilidade, que a Constituição lhe decreta, o absolve, perante a Historia e o juizo da nação, das faltas que commetta e dos erros que conscientemente pratique.

Deveres, e grandes, andam inherentes ao exercicio da suprema magistratura da nação e, como bem diz o citado jornal, a sua violação pode fazer aluir a propria Monarchia.

Por mais que queira separar-se, da Instituição, o symbolo, a entidade que a representa, não é possivel, á maior imparcialidade da consciencia, esquecer a indispensavel identificação que tem de haver entre uma e outro, e quantas vezes, na verdade, soffre a primeira pelos vicios e defeitos do segundo. Por este lado bem vae á Monarchia Portugueza. D. Manuel II é a viva personificação da sympathia. O olhar é doce e meigo, levemente velado pela dolorida impressão da desventura que o fez Rei.

Nos labios ha sempre um sorriso bom que lhe illumina o rosto n'uma expressão franca e aberta de sinceridade e d'amor.

Fixa-se a expressiva physionomia de El-Rei e brotam instinctivamente do peito sentimentos puros de dedicação extrema.

Escutam-se as suas palavras, sempre de liberdade e de justiça, de dedicação pelo paiz e d'estimulo para os que trabalham, e vê-se ahi mais alguma coisa que a simples reproducção dos discursos que tem de lêr. Ha sinceridade, convicção, um proposito intimo de que os factos e o futuro nunca as possam desmentir.

Não ha duvida: a maior e melhor propaganda que os monarchicos podem fazer da Instituição que nos rege, é apresentar ao povo a pessoa do seu Rei

Ouse alguem tocar-lhe e esse symbolo sagrado, que faz prosternar a seus pés milhares de dedicações, encontrará a defendel-o, de tão grande profanação, o desapego d'outros tantos milhares de vidas.

Pois nem sempre assim foi!

Que D. Manuel seja sempre, como seu chorado tio-avô, o Rei bem amado do povo.

Que nunca a illusoria grandesa do throno em que se senta, o perturbe, e lhe desnature as preciosas qualidades d'alma que tanto o impõem hoje á veneração dos portuguezes

Que ame sempre o seu povo, como o seu povo o saberá amar tambem e que tenha

sempre bem presente que são os reis que hoje pertencem aos povos e não estes aos reis.

Que se lembre sempre D. Manuel que a desventura o levou ao throno e que aos caprichos do Destino cruel nem os reis podem furtar-se. Não vos illudaes, Real Senhor! com as festas e acclamações que Vos fazem. Não são ellas nem podem ser um penhor seguro e terno da affeição e do respeito do Vosso povo.

Tende sempre bem presentes as palavras de sã philosophia do regente D. Pedro, o grande desgraçado que teve em Albufeira o seu triste calvario, quando o povo, acclamando-o, queria erigir-lhe uma estatua:

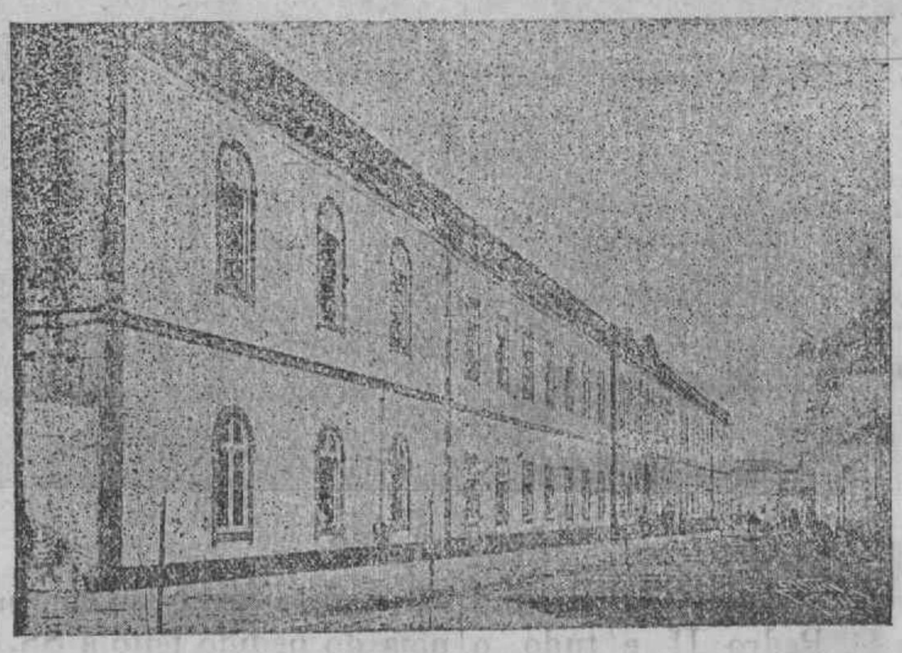
—«Não, não, dizia elle, aquelles que hoje a querem são os primeiros, ámanhã, a despedaçal-a.»—

Identificae-Vos sempre, com a Patria, Senhor! e uni o Vosso destino ao d'ella, arrancando-a do abysmo em que parece afundar-se para a gloriosa jornada a que lhe dá direito um passado de grandeza e de respeito universal.

São estes os votos que Vos faz quem se associa sinceramente, no intimo do seu coração, ás homenagens que hoje Vos presta a leal cidade d'Aveiro.

27—11—908.

Cherubim Guimarães



Quartel de Sá

OS DESPOTAS

Tyrannia, despotismo, oppressão...

Ouço empregar muitas vezes essas palavras contra a monarchia, contra os reis, contra os monarchicos; e, todavia, eu sei, pelo conhecimento da historia, que a maior tyrannia, o maior despotismo, a mais feroz oppressão a excitam e exercem os conspiradores, os revolucionarios, os jacobinos.

Todos os sectarios demagogicos só clamam contra o despotismo monarchico na ancia cega de empolgar as redeas do governo, dando então largas a toda a sua perversidade, a toda a sua tyrannia.

Fallam contra a auctoridade, porque a auctoridade os traz de vista e ameaça reprimir-lhes os instinctos barbarescos.

Conclama contra as corôas, contra os sceptros, contra os janizaros da policia, contra o juizo de instrucção criminal; e, comtudo, se podesse haver ás mãos o mando, exerceria a vindicta com todo o furor.

A hypocrisia, a impostura, a doblez de caracter tem nessa gente ignobil os mais execrandes fautores. São os inimigos de Deus, os inimigos dos reis, os inimigos da ordem, os inimigos da justiça, os inimigos da sociedade.

Quem vê um palmo adeante dos olhos, quem se guia por principios moraes,não póde transigir com essas feras vestidas de figura humana, mas abrigando no intimo instinctos de chacal.

Esses é que são retintamente déspotas.

Luiz Gonzaga

BEMVINDO!

«Defender os patrios lares,
dar a vida pelo rei,
é dos lusos valorosos,
caracter, costume e lei.»

(*Logares selectos*)

AVEIRO, a formosa rainha do Vouga e terra das mais gloriosas tradições de amor á patria, á liberdade e ao rei, como o attestam brilhantemente os seus fastos historicos, mandando em antigas eras os seus galeões e os seus mereantes á Terra-nova; depois os dilectos filhos ás conquistas e navegações para maior fastigio do patrio torrão; amantissima do credo liberal, de que foi berço, dando-lhe denodados e ferventes apostolos, e martyres, cujas cabeças conserva e consagra como sua preciosa reliquia; e como dedicada á causa da monarchia sem refoios durante os dilatados annos das dynastias Affonsina, Joannina e Brigantina; veste agora, com um enthusiasmo e ardor sem egual, as suas galas mais louçãs para receber em seu seio a visita do joven e sympathico monarcha, o Senhor D. Manuel II, que houve por bem honrar-nos com a sua augusta presença, ao iniciar o seu reinado, que é já de uma grande e auspiciosa esperança.

Seja bemvindo á nossa terra, tão carecida de desenvolvimento, tanto material como moral, e que os poderes publicos a attendam nas suas justas pretenções, continuando a dedicar-lhe os beneficios de que é digna, e que ultimamente alguns lhe tem sido concedidos; sendo de esperar que os seus ministros se compenetrem das nossas necessidades, e tratem de as remediar como convem ao prestigio das instituições.

Saudamos, pois o nosso regio hospede, desejando-lhe um reinado todo de glorias e venturas, para seu bem e da nossa patria estremecida. Bemvindo seja!

Aveiro, 26.

Francisco de Magalhães

PALAVRAS SUAS

«Em cumprimento da Lei
meu juramento renovo:
Conte o Povo com o Rei
que o Rei conta com o Povo.»

Um crente

Como ultimo dos aveirenses que muito me preso de ser, como ultimo dos chronistas das tradicções e glorias da minha terra, a que ha annos me consagro, saudo e beijo respeitosamente a mão de S. Magestade, que hoje nos visita, desejando que El-rei D. Manuel II seja tanto mais «venturoso» como o foi o Senhor Rei D. Manuel I, que distinguiu e protegeu Aveiro concedendo-lhe a sua carta de foral em 4 d'agosto de 1515, fundando-lhe a sua Santa Casa de Misericordia em 20 d'agosto de 1506.

Aveiro, 27—11—908.

Marques Gomes

A RAINHA D. MARIA II EM AVEIRO

Os antigos reis portuguezes visitavam a miudo as mais importantes povoações do reino, e a Aveiro sabe-se que vieram alguns d'elles a partir de D. Fernando. Dos monarchas constitucionaes o primeiro que nos honrou com a sua visita foi a rainha D. Maria II acompanhada pelo marido, o rei D. Fernando e seus filhos o principe D. Pedro e Infante D. Luiz, em fevereiro de 1852. Da vinda das primeiros falam-nos antigas chronicas e velhos pergaminhos; dos segundos, este artigo que o *Campeão* publicou, devido á penna do honrado liberal, antigo voluntario academico, deputado e governador civil e honra e lustre da nossa terra, Manuel José Mendes Leite:

«A promettida e muito desejada visita de SS. MM a esta cidade, teve logar no dia 23.

Todos os habitantes, todas as auctoridades, tinham posto cuidado em manifestar o seu contentamento. Todos se tinham esmerado em preparar uma recepção que, guardadas as proporções, podesse rivalisar com as mais brilhantes que se lhe tem feito.

Os empregados publicos, os estudantes,

os negociantes, e muitos particulares tinham levantado em differentes pontos da cidade, arcos, obeliscos e monumentos. Não nos daremos ao trabalho de descrever quanto se fez; limitar-nos-hemos a dizer como Suas Magestades foram recebidas.

O dia esteve formoso; parecia escolhido para tal festa. A Camara municipal tinha mandado para Ovar o barco, que devia conduzir Suas Magestades, e que para esse fim tinha sido expressamente preparado

Era um elegante pavilhão formado sobre uma das saleiras da barra, decorado e mobilado, com aceio e gosto. Sabemos que SS. MM. assim o acharam.

Os reaes viajantes embarcaram ás 9 horas e chegaram á Torreira pela volta do meio dia. Eram ahi esperados por uma flotilha de centenares de barcos da localidade, embandeirados todos, e cheios de gente. Coalhou-se o ar de foguetes e a ria de flores. Apenas Suas Magestades e comitiva passaram as alas, que estes barcos formavam, levantaram todos a vela e acompanharam-o por longo espaço, fazendo differentes evoluções. Mais d'uma vez sahiram Suas Magestades do pavilhão para admirar tão bello quadro, que o era effectivamente o produzido por um sem numero de barcos que tão lindamente navegavam n'aquella grande e magestosa bacia d'agua.

Ao approximarem-se Suas Magestades da cidade, salvou a artilheria, que tinha sido collocada á entrada do caes, e subiram ao ar immensas girandolas de foguetes. Começou então a concorrencia do povo, que se disputava o prazer de ser o primeiro a vêr Suas Magestades.

Todo o caes estava com bandeiras, obeliscos e festões, e pejado d'espectadores, que enthusiasticamente victoriavam Suas Magestades, os Principes, e o nobre Duque de Saldanha.

Os muitos barcos que ha n'esta cidade, estavam todos ao longe do caes: fluctuavam-lhe nos mastros variadas flamulas e galhardetes, ornavam-lhe as proas e popas grandes ramos de flores.

O barco que conduzia Suas Magestades atracou no local onde estava a Camara municipal, os empregados publicos, e muitos cavalheiros. Suas Magestades foram recebidas pela Camara, que lhes dirigiu a felicitação que abaixo transcrevemos, e conduzidas debaixo do palio até ás portas da cidade.

Sentimos deveras que para pegar nas varas do palio fossem escolhidos cavalheiros que são estranhos ao municipio; para esta cerimonia é o ultimo dos seus plebeus mais competente, que o primeiro dos nobres de outro qualquer. A visita era feita a nós, eramos nós que deviamos recebel-a. Se estamos em mingoa da nobreza dos pergaminhos, abundamos na que dá a lealdade provada e comprovada com sacrificios e soffrimentos: a que de certo não seria menos agradavel á Rainha, por quem esta cidade derramou tanto sangue e verteu tanta lagrima. No meio de oito emigrados, ou oito defensores do Porto, de que já ha tão poucos, estaria Sua Magestade tão bem como no meio d'oito barões ou d'oito commendadores como por ahi ha tantos. Senão tinhamos oito casacas enfeitadas, tinhamos oito peitos com cicatrizes, e a verdadeira nobreza não está em ter honras, mas em merecel-as.

Abertas as portas da cidade seguiram Suas Magetades por meio d'um concurso immenso de povo, que bem deixava ver o seu contentamento. As ruas da cidade, que todas estavam alcatifadas de verdes e flôres, adornados com arcos, e vistosamente guarnecidas as janellas de variados e ricos estofos e apinhadas de senhoras, que laçavam nuvens de flôres, e foram á capella do Real Convento de Jesus, e ahi recebidas com palio por oito sacerdotes, que o vigario geral tinha designado. Cantado o *Te-Deum* dignaram-se SS. MM. visitar o convento que as religiosas tinham cuidadosamente adornado. Viram o tumulo da Princeza Santa Joanna, obra de fino mosaico e dadiva de D. Pedro II e tudo o que o convento tem de curioso.

Convento de Jesus

As religiosas ficaram encantadas das maneiras afaveis de SS. Magestades, que se dignaram tratal-as o mais lisongeirosamente. Dirigiram-se depois, acompanhadas pela Camara e todas as pessoas notaveis, ás casas destinadas para seu real alojamento.

A ex.ma sr.a baroneza d'Almeidinha, que teve a honra de hospedar SS. Magestades, tinha posto todo o esmero em preparar a casa com riqueza e gosto.

E devemos dizer que ninguem melhor que ella poderia ou saberia fazel-o.

Depois do jantar, para o qual foram convidadas as auctoridades e alguns cidadãos, receberam SS. MM. as differentes deputações.

Todos os partidos foram ao beija-mão e todos foram bem recebidos. El-Rei, com a afabilidade que o caracterisa e com que tem conquistado as sympathias de todos, fallou sobre as necessidades do paiz, mostrando o mais decidido interesse por que ellas sejam attendidas. Recolheram-se ás 10 horas. A cidade estava toda illuminada. Os differentes obliscos e arcos faziam um bello effeito, mais que tudo a columna que os empregados publicos tinham mandado levantar na praça Municipal e que decerto era o que mais attrahia a attenção.

Foi para sentir que SS. Magestades não podessem demorar-se mais tempo n'esta cidade e visitando-a ver o que ella é e o que pode ser.

A Camara municipal merece os nossos louvores pelo empenho que mostrou em preparar a SS. Magestades uma recepção digna de quem a fazia e a quem era feita.

Os recursos do municipio são escassos e com tão poucos meios ninguem faria mais nem melhor.

Todos se prestaram a cuadjuval-a, e em todos achou a melhor vontade. Assim devia ser, e a isso estavam comprimittidos todos depois do pedido feito a SS. Magestades.

Na segunda-feira sahiram SS. Magestades ás 7 horas da manhã. S. Magestade a rainha em direcção á Palhaça, e S. Magestade El-Rei e o Principe para a fabrica da Vista-Alegre.

Não era possivel que S. M., a quem Deus fadou com um coração d'artista, deixasse de visitar este estabelecimento, unico em Portugal. Em Ilhavo foi El-Rei recebido pela Camara e administrador do concelho á entrada da villa. As ruas estavam enfeitadas, e o povo era immenso.

A' entrada da Vista-Alegre tinham os operarios levantado um arco romano de grande belleza e perfeição. O sr. A. F. P. Basto esperava ahi S. Magestade e acompanhou-o á capella e depois á fabrica. Todos os operarios estavam occupados nos seus diversos misteres. Nenhuma mudança, nenhum enfeite se via nas officinas.

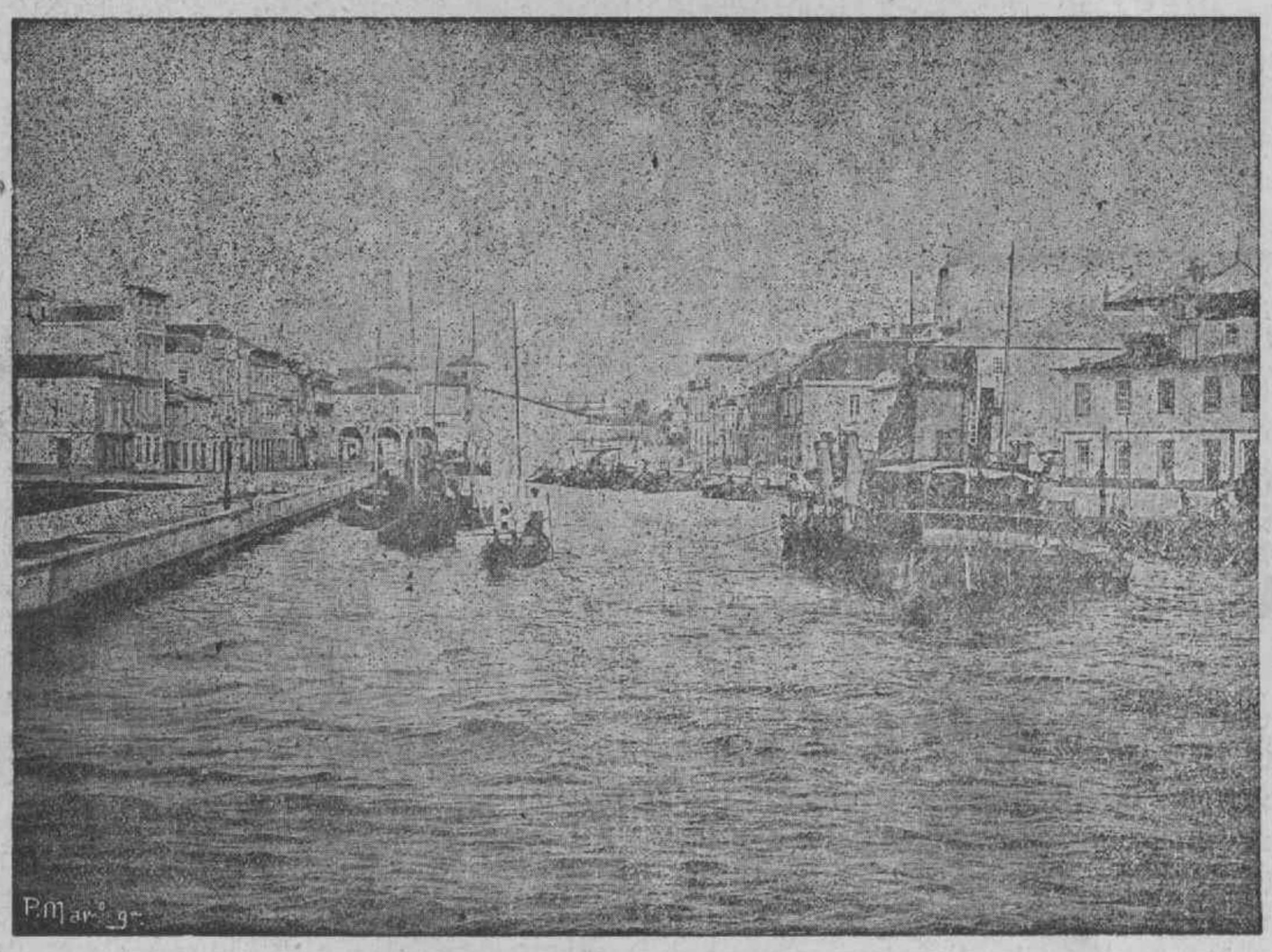
O sr. Ferreira Pinto quiz que S. Magestade visse a fabrica como ella é; que podesse

bem avalial-a. El-Rei e o Principe examinaram minuciosamente todo o processo da fabricação. Nada lhes escapou, e deram mostras de contentamento pelo estado de perfeição em que acharam tudo. S. Magestade dignou-se acceitar o excellente almoço que o sr. Ferreira Pinto lhe offereceu, e sahiu em direcção á Palhaça pelas 11 horas da manhã.

El-Rei D. Luiz visita Aveiro

Aberto á circulação o caminho de ferro do norte, tornaram-se mais frequentes as viagens da Familia Real ao Porto. Desde então foi aspiração constante dos aveirenses que o monarcha visitasse a nossa linda cidade.

Este ideal, porem, só se poude realisar em 28 de outubro de 1887, vindo aqui El-Rei D. Luiz com a rainha D. Maria Pia e os principes D. Carlos de Bragança e D. Affonso Henriques, no regresso da sua viagem ao Porto, Braga, Vianna, Povoa do Varzim, etc., fechando então o cyclo das festas, que foram magnificas, com chave d'ouro, como o affirmou o bondoso monarcha ao despe-dir-se da Camara municipal na estação do caminho de ferro.



Um trecho da ria de Aveiro

Para dar uma palida ideia da maneira festiva e enthusiastica porque foi recebido aqui El-Rei, retalharemos do *compt rendu* feito n'essa occasião por alguns dos nossos collegas do Porto, *Dez de Março*, *A Actualidade* e *Primeiro de Janeiro*:

«Como dissemos hontem em telegramma, a Familia real foi soberanamente recebida em Aveiro.

Assim que os illustres personagens desembarcaram, os sinos de todos os templos de Aveiro repicaram, a grande multidão que se achava na «gare» soltou calorosos vivas .....

Fez a guarda d'honra uma força do regimento 23, com a respectiva banda, bem como um esquadrão de cavallaria 10.

Na estação tocava a phylarmonica «Aveirense».

Ao som do hymno nacional, a Familia real entrou na sala da estação, adornada de damasco carmezim e amarello. Junto do estrado, e em lugar superior a elle, estavam quatro meninas vestidas de anjo, que cobriram de flores os regios excursionistas. O sr. presidente da Camara leu uma allocução, felicitando a Familia real pela sua triumphal viagem ao norte e congratulando-se pela sua visita a Aveiro. El Rei dignou-se agradecer estas lisongiras palavras.

Depois de recebidos os cumprimentos das pessoas presentes, o cortejo poz-se em marcha por entre alas de povo e de uns 300 estudantes da Universidade de Coimbra, que para esse fim obtiveram d'El-Rei feriado hontem e hoje, erguendo uns e outros estrondosos vivas. No largo da Estação, onde se aglomerou multidão enorme, tocavam a banda de infanteria 23 e a phylarmonica «Amisade», de Aveiro, e nas differentes ruas da cidade as phylarmonicas de Estarreja, Pardilhó, Murtoza, Oyã, Oliveira do Bairro, Vista Alegre, «Aveirense», da Palhaça, Albergaria, Ilhavo e Vagos. O sequito avançou assim triumphantemente, pelas ruas da Estação, Sá, Gravito, Vera Cruz, José Estevam, Rocio, largo Municipal, ruas de Anselmo Braamcamp e de Jesus, até ao templo de Jesus, onde repousa o corpo de Santa Joanna Princeza. Ao passar em frente do esplendido quartel de cavallaria 10, foram lançadas, da respectiva parada, dezenas de girandolas de foguetes. As casas tinham pendentes das janellas colchas de damasco, destacando-se pela belleza dos adornos as casas dos srs Sebastião de Carvalho Lima e Manuel Firmino de Almeida Maia. De algumas d'estas casas foram arremessadas flores sobre o trem real.

Dirigiram-se em seguida para a capella onde passou seus dias a virtuosa Santa Joanna. Encerra primores de bella talha, achando-se as paredes guarnecidas de quadros a oleo com largas molduras douradas, vendo-se a um dos lados da sala e em toda a extensão d'ella, um altar com duas imagens de tamanho quasi natural. Existe alli tambem um Christo de marfim que se diz ter pertencido á mesma princeza. Foram depois para um outro oratorio interior dedicado à Virgem do Rosario, onde examinaram algumas pequenas imagens de boa esculptura, sahindo d'alli para o côro e descendo a escadaria que conduz ao atrio.

No largo Municipal foram lançadas ao ar algumas girandolas de foguetes. O sequito seguiu para o «Gremio Aveirense», que estava lindamente decorado e onde ia ser servido o almoço, que era de 31 talheres e offerecido á Familia real, comitiva e principaes auctoridades pela Camara municipal.

*

«E' na casa propriedade da Caixa Economica e onde está installado o florescente club denominado «Gremio Aveirense», que são servidas as refeições á Familia real.

O palacete tem bom ar exterior e o interior condiz perfeitamente. Descrevemol-o a correr, como a correr é feito todo este trabalho de febril *reportage*.

No largo vestibulo, cadeiras antigas de pau preto e plantas aos cantos. A escadaria rompe em frente á porta principal e a meio divide-se em dois lanços. A ornamentação é profusa e até um pouco carregada. Vasos com plantas ornamentaes por toda ella. Macissos de verdura nos dois patamares. Pelas paredes, sobre que cae d'alto uma luz de claraboia, corôas de carvalho e cedro e *étagères* de talha antiga, uma maravilha, com vasos de estufa delicadissimos. Aos cantos do primeiro patamar dois nichos de talha riquissima. Todas estas artisticas coisas pertencem ao nosso amigo sr. Manoel Luiz Mendes Leite, filho do fallecido e saudoso liberal Mendes Leite.

As salas. A' frente ficam tres: a do meio, de receber, mobilia antiga de velludo vermelho, porcelanas primitivas da Vista Alegre, nas *consoles*. A' esquerda, o gabinete d'El-Rei, paredes de um verde alga, mobilia forrada de verde damasco, alcatifa azul e ramos brancos. No fogão, antepondo-se a um espelho antigo de Veneza, bronzes florentinos, tudo da sr.ª D. Emilia Tyneu Osorio.

A' direita, o gabinete dos Principes, mobilia setim carmezim, tapete escuro, vasos do Japão moderno, pertencentes ao sr. João da Silva Mello Guimarães.

Do lado do gabinete d'El-Rei, o *boudoir* da Rainha e o que se destinava á Princeza. O primeiro: mobilia a setim carmezim e azul, tendo as duas cadeiras ao lado do tremó tiras bordadas a matiz. Sobre o tremó um precioso cofre de prata antiga lavrada com numerosos rubis engastados. N'uma *console* uma riquissima jarra de prata lavrada. Em supportes, aos cantos, vasos da Vista Alegre, apresentando um d'elles o retrato da Rainha. N'um *gue-*

ridon forrado de seda bordada a matiz, uma corbelha com avencas, secias, cóleos e rosas-chá.

O gabinete da Princeza com mobilia de *reps* verde.

No outro lado do predio, a sala de jantar, o salão de baile do Gremio. Papel azul de ramagem, reposteiros de *reps* perola. Espelhos de Veneza, dois grandes e quatro pequenos, reproduzindo a meza, que é em fórma de ferradura e com logares para 30 talheres.

Nos diversos aposentos espelhos de Veneza.

A mobilia e decorações pertencem á ex.ma sr.ª D. Emilia Tyneu Osorio, e srs. visconde de Valle-de-Mouro, Manuel Luiz Mendes Leite e João da Silva Mello Guimarães. O cofre e jarra de prata são do sr. visconde de Valle-de-Mouro.

O serviço de procellanas e de prata da meza real é todo do sr. Rosa Araujo, de Lisboa, que é quem serve as refeições, sendo o almoço offerecido pela municipalidade e o jantar, que será de 60 talheres, pela Commissão executiva da junta geral.

Os quatro *menus* da Familia real são a azul em setim branco. Servem 12 creados.

A meza tinha uma distincta disposição. Em frente da Familia real floriam perfumadas corbelhas de flôres naturaes.»

.....

«Depois do almoço, o passeio pela ria. Foi um espectaculo de primeira ordem. O bergantim real, encimado por uma enorme corôa dourada, singrou a ria, entre um formigueiro de barcos da todas as dimensões e feitios, desde a velha barca até á canoa leve e graciosa. Tripulavam-n'o pescadoes, com trajos caracteriscos. Todos estes homens têm a medalha de prata.

No bergantim ia o sr. presidente do conselho.

Ao partir a flotilha, subiram ao ar girandolas formidaveis de foguetes, aos milhares Em barcos iam installadas bandas de musica que durante o percurso executaram os hymnos reaes. Não havia sol. O ceu estava brumoso, soprava uma ligeira viração vinda do largo, das salinas que se estendem a perder de vista, na linha rasa do horisonte. Um verdadeiro fim de tarde outomnal.

Este passeio foi o incidente mais interessante da visita a Aveiro.

As margens da ria estavam apinhadas de povo. Muitas carruagens seguiam a flotilha pela estrada da margem esquerda.

O barco conduzindo as raparigas, a que anteriormente me referi, seguia o bergantim real, que desceu até ás Duas Aguas.

As moçoilas, galantes, como o são todas as d'aqui, cantaram em coro alguns versos do nosso collega do *Campeão*, sr. Firmino de Vilhena, muitos dos quaes são bonitos, como os que cito:

Vimos de longe, do mar,
que amansa á vossa passagem;
trazemos beijos da aragem
e sorrisos do luar.

Somos a pomba que ás soltas
rompe o espaço e cruza os ares;
a barca que fere os mares,
rasgando as ondas revoltas.

Somos a alga perdida,
soluçando no mar largo
aquelle suspiro amargo
em que nos vae presa a vida.

E entre aquellas, esta bella quadra:

E' que, se por descendencia
o throno vos deu logar,
o Povo em sua consciencia
ergue-vos n'alma um altar.

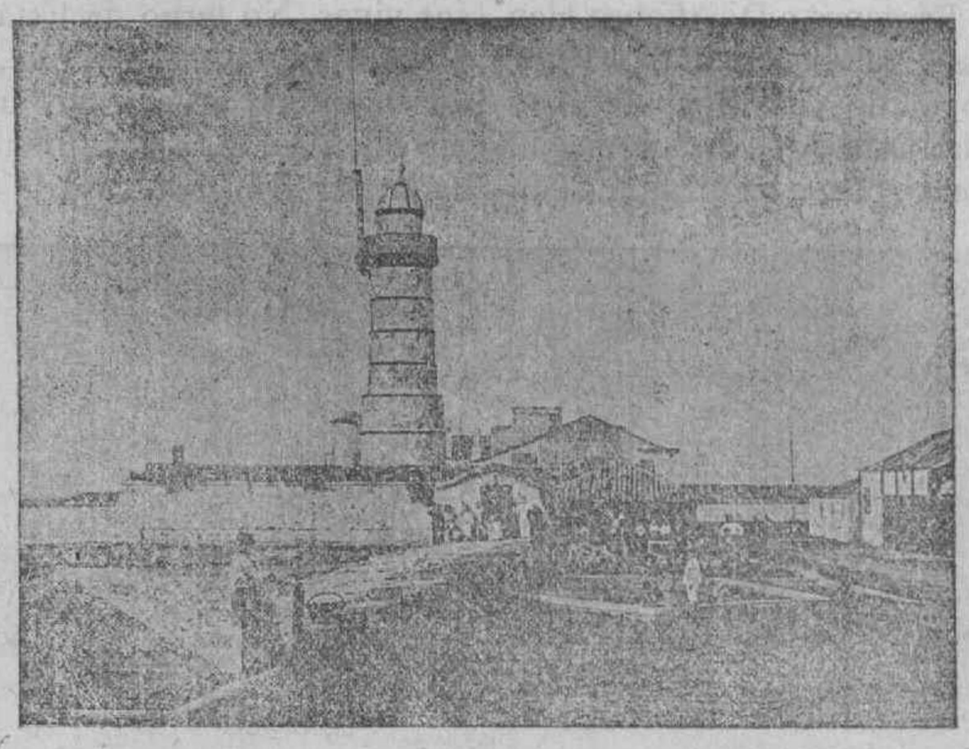
D'esse ponto da ria, distingue-se Aveiro com a sua casaria amontoada n'um fundo violaceo de montanhas.

O trajecto pela ria estava descripto por meio de postes que emergiam da agua, embandeirados com flamulas e galhardetes.

je e d'elle ha de levar sem duvida as melhores impressões pois á grandiosidade da fabrica alva-se a boa ordem e o aceio, pelo que cabem merecidos louvores á officialidade do regimento de infanteria n.º 24 e esquadrão de cavallaria 7, que n'elle se alojam.

Paços do concelho

Edeficio bastante regular, comquanto construido no ultimo quartel do seculo XVIII embora modesto é a nossa *domus municipales* e por isso adequado local para El-Rei receber os cumprimentos e homenagens dos aveirenses. A sala nobre, de estylo proprio da epocha em que foi construido o edeficio, e onde havia já o retrato de dois homens nossos por muitos titulos benemeritos, os conselheiros Francisco de Castrc Mattoso da Silva Corte Real e Manuel Firmino d'Almeida Maia, foi agora enriquecida com o retrato d'El-Rei D. Manuel, pelo actual e muito digno presidente da Camara, sr. dr. Jayme Duarte Silva.



Forte da Barra

AS NOSSAS GRAVURAS

Palacete do Carmo

A casa em que El-Rei se aloja é o melhor edificio particular da cidade e foi mandado construir em 1858 por Sebastião de Carvalho e Lima no local onde existiu o antigo convento de frades carmelitas descalços fundado em 1628. Tem annexa uma grande quinta e das suas janellas disfructa-se um bello panorama.

Pertença do sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, estava actualmente devoluto pelo que teve de ser mobilado e adreçado e foi-o com uma certa opolencia e sobretudo com muita dedicação e boa vontade. Da sua fachada diz a nossa gravura, da sua disposição e ornamentação interior diremos oportunamente.

Quartel de Infanteria n.º 24

E' um dos primeiros quarteis do paiz e para a sua edificação concorreu quasi que exclusivamente a rasgada e proveitosa iniciativa do fundador d'este jornal, o conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia. Occupa toda a vasta area do antigo convento de N. S. da Madre de Deus de religiosas franciscanas, extincto a instancias do sr Bispo-conde D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, pelo seu grande desejo de beneficiar Aveiro. El-rei visita-o hoje para se encorporar no cortejo fluvial.

Convento de Jesus

Lançou-lhe a primeira pedra em 15 de janeiro de 1462 o rei Affonso V, e para elle veiu viver em 5 d'agosto de 1472 sua filha a Princesa Santa Joanna, que aqui tomou o habito de religiosa dominica em 25 de janeiro de 1475 e aqui falleceu a 12 de maio de 1490. O edificio, do convento, convertido ha annos, com muito proveito, n'um magnifico collegio de educação para meninas a cargo das benemeritas irmãs Terceiras de S. Domingos, encerra muitas obras d'arte e sobretudo uma verdadeira preciosidade: o tumulo de mosaico onde se enthesouram as cinzas da Princeza Santa Joanna, e que foi executado na segunda metade do seculo XVII por artistas portuguezes. A sua egreja, que é do mesmo modo um conjuncto de bellezas artisticas, tem sido sempre visitada do mesmo modo que o convento por todas as pessoas da Familia-real que veem a Aveiro.

Forte da Barra

Sob ponto de vista militar não tem importancia alguma. Sobre um velho bastião, ergue-se a torre dos sinaes para os navios que demandam a barra.

E' proximo d'elle que El Rei embarca hoje para se encorporar no cortejo fluvial.